

Cronologia e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas da região de Santarém – PA*

Denise Maria Cavalcante Gomes

Universidade Federal do Oeste do Pará

RESUMO: Este artigo discute as sociedades formativas da região de Santarém – PA por meio da análise de sua cultura material, apontando a existência de comunidades ceramistas culturalmente distintas, que se desenvolveram nesta área desde 3800 a.P. até a emergência das chefias complexas por volta de 1000 a.D. Os dados sugerem a sucessão de diferentes grupos no tempo e no espaço, os quais provavelmente contribuíram na constituição de agrupamentos multiétnicos tardios ocorridos nesta e em outras áreas da Amazônia, conforme tem sido sugerido por outros pesquisadores. Conexões culturais com a área do Rio Trombetas, Amazônia Central e Alto Xingu também foram evidenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia de Santarém, Pará, formativo, cronologias amazônicas, sociedades multiétnicas.

Introdução

A região de Santarém (PA) tem sido vista tradicionalmente como uma área pontuada por hiatos cronológicos separando as ocupações ceramistas pré-coloniais do Arcaico das chefias complexas, que emergem por volta de 1000 a.D. Neves e associados chamaram a atenção dos pesqui-

sadores para estas lacunas que caracterizam as ocupações ceramistas do Baixo Amazonas (Lima, Neves & Petersen, 2006, p. 47; Neves, 2006, p. 48). Estes autores destacaram, por um lado, a distância existente entre as datações de 7.000 anos disponíveis para os grupos produtores de cerâmica que ocuparam o sambaqui de Taperinha e aquelas associadas aos sítios com cerâmica Pocó, na área dos rios Trombetas e Nhamundá, datados cerca de 2000 a.P. Por outro lado, identificaram a sequência da foz do Amazonas e litoral de Salgado como uma cronologia contínua desde o Holoceno médio, representada pelos sambaquis com cerâmica Mina, até o período histórico da conquista, com as cerâmicas das fases Marajoara, Aruã, Maracá e Mazagão.

Este artigo, ao mesmo tempo em que reconhece como válida a proposição de Neves (2006) no que concerne à existência desses hiatos cronológicos no Baixo Amazonas, apresenta novos dados relativos à ocupação formativa em Santarém – sociedades correlacionadas a um modo de vida sedentário e à introdução da agricultura de floresta tropical –, que possibilitam reduzir tais distâncias originalmente propostas. Além disso, ao diferenciar culturalmente estes complexos, permite perceber a existência de conexões entre a região de Santarém e outras áreas da Bacia Amazônica, tais como o Rio Trombetas, a Amazônia Central e o Alto Xingu, evidenciando diferentes dinâmicas populacionais e movimentos de dispersão dos grupos indígenas pré-coloniais que lá habitaram.

1. As primeiras referências à ocupação formativa em Santarém

De acordo com os resultados das pesquisas desenvolvidas por Roosevelt no sambaqui fluvial de Taperinha, nas proximidades de Santarém, bem como na Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, as cerâmicas ali encontradas foram datadas por volta de 7.000 anos. Em Taperinha, grupos de pescadores e coletores de moluscos fabricaram artefatos utilitários com formas esféricas contendo antiplástico de conchas, o que implica o reconhecimento de um modo de vida não agrícola com o emprego dessa tecnologia (Roosevelt, 1995, p. 128; 1999a; 2009, p. 161; Roosevelt et al., p. 1991). Cerâmicas temperadas com areia ou conchas, com datações na mesma faixa, também foram identificadas entre os caçadores coletores da Pedra Pintada, tendo sido denominada de cultura Paituna (Roosevelt et al., 1996). Partidária da invenção independente da cerâmica, que reconhece vários centros produtores na América do Sul, Roosevelt (1995) considera esses dados como parte do mesmo fenômeno ocorrido durante o Holoceno, que explicaria o aparecimento da cerâmica nos sítios Alaka (5900 a.P. e 4115 a.P.), Mina (5570 a.P. e 4000 a.P.) e outras áreas da Colômbia (6000 a.P.).

Depois deste início, cerâmicas formativas com antiplástico de rocha triturada foram reconhecidas nos níveis estratigráficos da Caverna da Pedra Pintada, associadas à cultura Aroxi, datadas entre 3600 e 3200 a.P. (Roosevelt, 1999a; Roosevelt et al., 1996, p. 381). Além disso, nas escavações realizadas por Roosevelt no sítio do Porto, em Santarém, são reportadas datações relativas ao período formativo, entre 2900 a.P. e 2270 a.P. (Quinn, 2004, p. 147; Roosevelt, 2009). Entretanto, não existe uma caracterização tecnológica dessas indústrias formativas mencionadas, nem uma associação com complexos cerâmicos conhecidos na Baía Amazônica.

2. As ocupações formativas de Parauá – Santarém

2.1 Paisagens humanizadas

Entre 2001 e 2003, foram realizadas pesquisas numa área de terra firme localizada a cerca de cem quilômetros ao sul de Santarém, na margem esquerda do Rio Tapajós, num local que hoje corresponde à comunidade de Parauá, situada na Resex Tapajós-Arapiuns (Gomes, 2008). Os trabalhos arqueológicos tiveram como hipótese o teste dos limites e da influência política do suposto cacicado Tapajó. Neste sentido, a expectativa era encontrar comunidades satélites associadas à Santarém, que evidenciassem relações de hierarquia e centralização política, conforme sugerido por Roosevelt (1987; 1992; 1999b, p. 27).

A abordagem desenvolvida buscou reconstituir a comunidade pretérita e, desse modo, optou-se pela realização de um levantamento sistemático-geométrico (Plog, Plog & Wait, 1978; Redman, 1973 e 1975; Schiffer, Sullivan & Klinger, 1978; Zeidler, 1995), que também aliou procedimentos oportunistas,¹ numa área de dimensões reduzidas, de 36 km², embora densamente florestada. Este levantamento foi realizado por meio da abertura de trinta quilômetros de *transects*, cujas linhas de seis quilômetros foram dispostas em distâncias iguais com cerca de um quilômetro, seguindo uma orientação leste-oeste, partindo da margem do Rio Tapajós em direção ao interior. Os *transects* são considerados por autores, tais como Chartkoff (1978) e Zeidler (1995), como a melhor alternativa para lidar com problemas de acessibilidade e visibilidade em áreas florestadas, e ao longo destes foram realizadas sondagens a cada cinquenta metros, o que fornece um parâmetro da intensidade do levantamento.

Esta alternativa consiste numa estratégia dispendiosa, sendo adequada no contexto amazônico para trabalhos em áreas de dimensões reduzidas, não consistindo numa boa opção para extensas áreas florestadas.

As vantagens do levantamento sistemático com a abertura de *transects* estão relacionadas a um controle maior das variáveis ambientais e sua relação com os sítios. Em termos ecológicos, o Tapajós – um rio de águas claras e sedimentação recente – tem um potencial de obtenção de recursos mais reduzido do que o Amazonas, este último com seus sedimentos de alta fertilidade de origem andina (Junk & Furch, 1985; Sioli, 1984, pp. 143-4). Os solos originais aqui encontrados foram classificados como latossolos amarelo-distróficos e estão relacionados a sedimentos terciários não consolidados da formação Alter do Chão, sendo eles muito ácidos, friáveis e de fertilidade reduzida (Projeto RadamBrasil, 1976).

Quanto à vegetação dessa área, é possível reconhecer, por meio do exame de imagens de satélite, diferenças de coloração, cujas áreas mais escuras correspondem à vegetação mais densa, com grandes árvores, e as mais claras, à floresta secundária ou capoeira, que representa antigas roças e matas intensamente manejadas com espécies destinadas à alimentação, a materiais para confecção de implementos, além de medicamentos (Morán, 1990, p. 201). As principais variações de relevo registradas estão associadas à planície de inundação, com cotas plano-altiméticas entre vinte e trinta metros, e as áreas de platô com cotas entre noventa e 120 metros.

Dos dez sítios detectados, nove foram associados à tradição Borda Incisa da Amazônia (Meggers & Evans, 1961) e apresentaram considerável diversidade, o que permitiu construir hipóteses sobre os padrões de organização comunitária. Dois deles eram sítios-habitação localizados às margens do Tapajós. Outro era um acampamento de pesca próximo a um pequeno igarapé. Sítios associados a antigas áreas de plantio, com terra de cor bruno-escuro e baixa densidade cerâmica, também foram identificados. Por fim, quatro sítios-habitação de grande importância foram localizados no platô, ao redor de um lago de terra firme – o Lago do Jacaré –, indicando uma preferência das comunidades, no passado, por este tipo de implantação na paisagem.



Figura 1: Mapa da área de pesquisa na região de Santarém (PA).

Contrariamente à prática de levantamento tradicional, que privilegia as margens dos grandes rios, o levantamento sistemático possibilitou uma maior interiorização, revelando a existência de vários sítios localizados a mais de cinco quilômetros de distância do Rio Tapajós. Ao lado dos sítios-habitação e das áreas de cultivo, com a presença de “terra mulata”,² foram claramente percebidas zonas de manejo transformadas em capoeira, com a presença de indicadores antrópicos, tais como as concentrações de palmeiras, indicando estratégias de superação das limitações colocadas pelo meio ambiente.

A analogia com as formas de utilização dos espaços comunitários e as concepções cosmológicas dos ribeirinhos atuais possibilitou vislumbrar áreas, a exemplo das matas de igapó – ambientes com terrenos brejosos, periodicamente inundáveis e cobertos por uma vegetação composta por grandes raízes expostas –, como locais que em tempos pretéritos poderiam ter sido utilizados para capturar pequenos peixes durante a estação das chuvas, além de abrigar seres mitológicos. A paisagem pôde então ser vista não como simples pano de fundo onde são plotados os sítios arqueológicos, mas como um espaço social mais amplo e integrado, que não dissocia os elementos da natureza das antigas aldeias indígenas, nem daqueles relacionados ao universo mítico-cosmológico dos humanos (Gomes, 2006a).

2.2. O espaço interno das aldeias e as áreas de cultivo

Os sítios escavados na comunidade de Parauá tiveram seu espaço interno delimitado por meio de sondagens sistematicamente distribuídas em distâncias iguais. Este procedimento permitiu recuperar a forma das antigas aldeias, bem como determinar diferentes densidades de material arqueológico, gerando hipóteses sobre possíveis áreas de atividade.

Um deles, o sítio Lago do Jacaré 1, situado numa área de platô, distante cerca de quinhentos metros do lago homônimo, consistiu numa aldeia de 650 metros de diâmetro, de formato circular, com a uma praça central. Áreas de baixa densidade cerâmica (com até 291 fragmentos por m²), sendo estas últimas bastante fragmentadas, foram interpretadas como zonas de descarte doméstico distanciadas das habitações. Numa área de média densidade cerâmica (780 fragmentos por m²), foi possível evidenciar um solo de habitação, por meio da existência de diversas marcas circulares que correspondiam a estacas de sustentação, indicando a existência de uma casa de formato ovalado medindo 7 x 3,5 metros. Neste solo, foram encontrados carvões associados a fogueiras, sementes de palmeiras, relativamente poucos vestígios cerâmicos, bem como vestígios faunísticos carbonizados (uma pata de uma paca), provavelmente consumida pelos habitantes da casa. Já em áreas de grande densidade cerâmica (2.353 fragmentos por m²), com significativa variabilidade artefactual, estas estavam associadas a lixeiras. A camada de terra preta argilosa (7.5 YR 2.5/1 *black*), correspondente às ocupações mais tardias (datadas por volta de 1020 a.P.), tinha entre trinta e cinquenta centímetros de espessura máxima. Já as camadas solo de cor Bruno (7.5YR 5/2 *brown*), abaixo da terra preta, estavam associadas às ocupações mais antigas (3800 a.P. e 2740 a.P.) cujos dados de densidade cerâmica sugeriram a presença de comunidades semissedentárias.

Os mesmos procedimentos de delimitação foram empregados no sítio Terra Preta, implantado num terraço fluvial às margens do Rio Amorim. Este consiste numa aldeia de formato linear, cujos vestígios se estendem por cerca de 350 x 300 metros, embora concentrados nas extremidades laterais do sítio. Áreas mais aplainadas, com as mais baixas densidades cerâmicas (com até novecentos fragmentos por m²) foram escavadas. Embora não tenham sido encontradas feições relativas a pisos habitacionais, o resultado das escavações revelou a existência de ves-

tígios associados ao desenvolvimento de diferentes atividades domésticas no entorno das casas. A camada de terra preta com textura arenosa variou entre preta (10 YR 2/1 *black*) e cinza escuro (10 YR 3/1 *very dark gray*), com cerca de trinta centímetros de espessura, tendo sido datada entre 1300 a.P. a 910 a.P. Já na camada intermediária, de cor bruno acinzentado (10 YR 3/2 *very dark grayish brown*), foram obtidas datações entre 2490 a.P. e 1840 a.P.

No que se refere à diferenciação de atividades no sítio Terra Preta, foi possível distinguir claramente a existência de áreas de descarte situadas nas proximidades das casas e lixeiras mais densas, nas extremidades do sítio, com grande variabilidade artefactual (vestígios de confecção cerâmica e restos faunísticos de mamíferos e répteis de grande porte), indicando uma área de descarte de animais. Um contexto funerário bem definido estava associado a um enterramento secundário, feito numa vasilha cerâmica utilitária de formato elíptico, com sessenta centímetros de diâmetro de boca e quarenta litros de capacidade volumétrica, contendo restos de um indivíduo cujos ossos estavam calcinados. Uma outra vasilha cobria esses ossos e, no fundo daquela que fazia as vezes de urna funerária, havia concreções, que depois de analisadas indicaram a existência de amido de mandioca, sugerindo uma cerimônia de endocanibalismo com ingestão das cinzas misturadas à bebida de mandioca e o enterramento dos ossos cremados remanescentes (Gomes, 2008).

A ocupação de áreas destinadas ao cultivo também pôde ser documentada por meio dos trabalhos realizados no sítio Zenóbio. Localizado nas proximidades do Lago do Jacaré, este constitui um sítio de formato circular, implantado no topo de um morro com vertentes ravinadas, cujos vestígios de baixa densidade cerâmica (entre 104 e 150 fragmentos por m²) estavam distribuídos numa área de 350 x 300 metros em solos de terra mulata (10 YR 3/2 *very dark grayish brown* e 10 YR 3/3 *dark brown*). Resultantes de queimadas constantes e do manejo de sedi-

mentos contendo cinzas e carvões, trazidos de outras áreas, estes solos são interpretados pelos estudiosos como processos intencionais de incrementos agrícolas (Woods & McCann, 1999; Woods, 2003), neste caso, associados a essas populações formativas. O conjunto destas evidências foi interpretado como produto de ocupações humanas esparsas ou mesmo acampamentos realizados nessas áreas de cultivo.

2.3. A cerâmica Borda Incisa e sua cronologia

Com o levantamento e escavação dos sítios formativos na região de Parauá, Santarém (PA), foi possível recuperar amostras cerâmicas associadas a diferentes áreas de atividades neles realizadas. A análise de quarenta mil fragmentos, especialmente cerca de quatro mil fragmentos diagnósticos (bases, bordas, apêndices e paredes decoradas), foi feita através de uma abordagem que visou caracterizar os padrões de uso da cerâmica por meio de suas propriedades tecnofuncionais, tendo como principal objetivo o resgate de práticas sociais de baixa visibilidade arqueológica. Trabalhou-se com a noção de artefato. Grande ênfase foi dada às reconstituições de formas e cálculos de volume.

Esta cerâmica foi associada à tradição Borda Incisa da Amazônia, com base em sua correlação com a cerâmica proveniente de Boim (também localizada na margem esquerda do Tapajós), feita por Meggers & Evans (1961). Suas principais características tecnológicas apontam para o domínio da técnica de confecção por acordelamento, o uso do cauixi como antiplástico, embora outras associações de elementos tenham sido identificadas (cauixi e quartzo; cauixi e caco moído; cauixi e cariapé), estando estas correlacionadas a diferenças funcionais dos artefatos. Embora tenham sido alisadas, poucas vasilhas receberam resinas vegetais como tratamento de superfície.

As formas são diversificadas, embora predominem as vasilhas de formato esférico, contorno infletido, borda inclinada interna, lábio arredondado ou plano e base plana. Outra forma frequente são aquelas no formato de calota esférica, borda inclinada externa e lábio plano ou arredondado. Os lábios planos e arredondados são os que mais ocorrem na amostra analisada. Já os tipos de bordas mais significativos se referem às inclinadas internamente, diretas simples e extrovertidas. As bases parecem constituir um elemento morfológico diagnóstico desta indústria, sendo a plana a mais frequente, ainda que outros tipos de bases tenham sido registrados, a exemplo daquelas em pedestal, das convexas e dos pés cônicos. Quanto aos diâmetros de borda, estes, segundo Sinopoli (1999), não constituem um atributo relevante para a atribuição de funções, enquanto o contorno da forma e o volume representam informações-chave neste sentido. As capacidades volumétricas mais frequentes, nos sítios Lago do Jacaré 1 e Zenóbio, giraram em torno de 1,1 a 4 litros e 4,2 a 12 litros. No sítio Terra Preta, além de predominarem artefatos relacionados ao primeiro intervalo mencionado, também foram significativas as vasilhas de pequenas capacidades – entre meio litro a um litro.

A decoração diagnóstica desse conjunto cerâmico é constituída por incisões transversais e verticais, colocadas em bandas logo abaixo das bordas. Mais raramente, o ponteadado é empregado na parte interna das bordas extrovertidas, aparecendo ainda numa única fileira de ponteadado, colocada sobre o lábio das vasilhas. Apêndices zoomorfos modelados são raros. Quanto à pintura vermelha, esta também ocorre com menos frequência e cuja tonalidade dominante foi classificada na escala Munsell como 7.5 YR 5/8 (*red*).



Figura 2: Cerâmica formativa de Parauá, Santarém (PA).
Fragmentos com decoração diagnóstica da fase tardia
(1320 a.P. a 910 a.P.).

As análises realizadas tornaram possível reconstituir catorze formas de diferentes capacidades volumétricas, associada à cerâmica formativa de Parauá. A atribuição dos usos das vasilhas levou em conta as proposições de Rice (1987, pp. 237-42) e Sinopoli (1999), que identificam o tipo de orifício, a presença de gargalo, colo e o volume – conforme critérios baseados na analogia etnográfica – para sugerir prováveis funções. Diferentes classes de vasilhas foram reconhecidas e seus usos sugeridos, considerando as variações volumétricas identificadas. Estas incluem artefatos empregados em atividades cotidianas relativas à cocção de alimentos, armazenamento, serviço, transporte, transferência de líquidos, processamento de bebidas fermentadas, preparação de beijos e farinhas, além de atividades rituais. Vasilhas de formato elipsoide, com cerca de setecentos mililitros de capacidade volumétrica, decorada com apêndices mamiformes, foram interpretadas como artefatos associados a cerimônias de iniciação feminina. Estas são frequentes nas aldeias, concentrando-se nas áreas de lixeiras.

A cronologia dos sítios aponta que as datas iniciais da ocupação formativa – entre 3800 a.P. e 2740 a.P. – estão correlacionadas sobretudo a artefatos de formato esférico, contorno simples e borda inclinada interna, de reduzidas capacidades volumétricas, provavelmente empregados para cocção de alimentos de grupos pouco numerosos. Esta tendência, associada aos dados de baixa densidade cerâmica dos níveis de solo de cor bruno, indica a presença de populações esparsas e semissedentárias. Entre 1300 e 910 a.P., observa-se uma grande diversificação do conjunto cerâmico, que está correlacionada ao aparecimento da terra preta, sugerindo, quanto ao desenvolvimento populacional, um crescimento demográfico e uma intensificação das atividades no espaço das aldeias. Poucos artefatos de estilo tapajônico foram coletados somente no sítio Lago do Jacaré 1, o que implica uma reduzida interação com este grupo no período terminal de ocupação. Quando comparada à sequência de

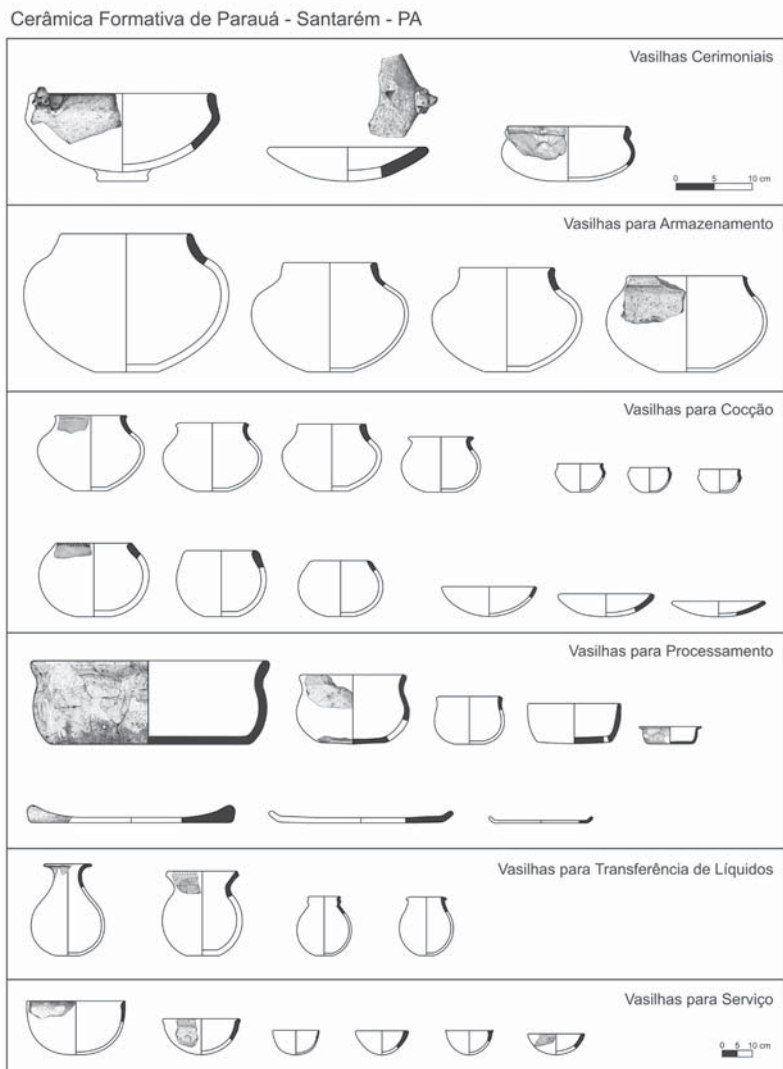


Figura 3: Tabela de usos da cerâmica formativa de Parauá,
Santarém (PA).
Fase tardia (1320 a.P a 910 a.P).

Marajó, que revela um hiato cronológico entre 2800 a.P. e 2000 a.P., atribuído a episódios de seca, segundo Meggers & Danon (1988, p. 250), a cronologia de ocupação de Parauá/Santarém mostra-se contínua. Esta representa uma característica importante da ocupação formativa de Santarém, em termos não só locais, como regionais.

Sítio	Unidade	Filiação Cultural	Número do Laboratório	Idade Convencional	Idade Calibrada 2 Sigma
Lago do Jacaré 1	U1 - 3	Borda Incisa	Beta 186952	3800 ± 70 A.P.	2460 a 2030 A.C.
Zenóbio	U1 - 1	Borda Incisa	Beta 186960	3680 ± 50 A.P.	2200 a 1920 A.C.
Lago do Jacaré 1	U1 - 7	Borda Incisa	Beta 186955	3660 ± 70 A.P.	2210 a 1880 A.C.
Lago do Jacaré 1	U1 - 13	Borda Incisa	Beta 186956	3660 ± 40 A.P.	2140 a 1750 A.C.
Lago do Jacaré 1	U6 - 4	Borda Incisa	Beta 186957	3600 + 70 A.P.	2140 a 1750 A.C.
Lago do Jacaré 1	U1 - 15	Borda Incisa	Beta 187492	3260 ± 50 A.P.	1650 a 1420 A.C.
Aldeia	U5 - 2	Pocó	Beta 283902	3000 ± 40 A.P.	1380 a 1120 A.C.
Lago do Jacaré 1	U8 - 3	Borda Incisa	Beta 186958	2740 ± 60 A.P.	1010 a 800 A.C.
Aldeia	U3 - 4	Pocó	Beta 248482	2370 ± 60 A.P.	750 a 690 A.C.
Terra Preta	U1	Borda Incisa	Beta 180713	2490 ± 80 A.P.	810 a 395 A.C.
Aldeia	U3 - 4	Hachurada Zonada	Beta 248485	2040 ± 40 A.P.	170 A.C. a 50 A.D.
Aldeia	U 5	Pocó	Beta 283903	1800 ± 40 A.P.	120 a 330 A.D.
Terra Preta	U5 - 4	Borda Incisa	Beta 186959	1840 ± 50 A.P.	70 a 260 A.D.
Terra Preta	U4	Borda Incisa	Beta 178443	1320 ± 60 A.P.	630 a 810 A.D.
Terra Preta	U3	Borda Incisa	Beta 178442	1220 ± 60 A.P.	670 a 970 A.D.
Lago do Jacaré 1	U1 - 6	Borda Incisa	Beta 186954	1020 ± 50 A.P.	910 a 920 A.D.
Terra Preta	U4 - 3	Borda Incisa	Beta 178444	910 ± 60 A.P.	1010 a 1260 A.D.

Tabela 1: Cronologia das Ocupações Formativas da Região de Santarém (PA).

Informações orais apontam a existência de outros sítios contendo cerâmica com as mesmas características estilísticas das indústrias formativas de Parauá, na região da Flona do Tapajós, situada na margem direita, simetricamente oposta à comunidade de Parauá. Além disso, vistorias realizadas por Gomes e técnicos do Iphan, em 2006, no sítio de terra preta do Oitavo Batalhão do Exército, indicaram a presença de um componente formativo semelhante neste sítio localizado na região do Planalto, em Santarém. O conjunto destas informações permite concluir que a ocupação formativa inicialmente reconhecida na comunidade de Parauá, associada à tradição Borda Incisa, está presente em diversos outros locais da região de Santarém, tanto na margem direita quanto na margem esquerda do Rio Tapajós.

3. A presença das tradições Pocó e Hachurada-Zonada em Santarém

3.1. Escavações no sítio Aldeia

Através de um levantamento arqueológico realizado na área urbana da cidade de Santarém (PA), o sítio Aldeia – reconhecido por Curt Nimuendaju (1948; 2004) como o principal sítio de terra preta associado aos Tapajó – foi delimitado (Gomes 2006b; 2007). Este processo envolveu intervenções de subsuperfície na forma de tradagens, escavadas em quintais de residências, estabelecimentos comerciais, jardins, terrenos baldios e em outros espaços públicos e privados. Partindo das indicações de Bettendorf (1910), que informa que no século XVII, na época da instalação da missão jesuíta em Santarém, haviam transferido a aldeia indígena para o pé da colina situada a leste da cidade (morro da Fortaleza), iniciou-se o trabalho de levantamento nesta área.

Outras crônicas etno-históricas dos séculos XVIII e XIX relatam que a aldeia indígena em Santarém estava situada a oeste da igreja matriz, nas proximidades da atual Praça Rodrigues dos Santos (Daniel, 1976; Florence, 1977; Spix & von Martius, 1976; Bates, 1944), o que, neste caso, confirmava a correspondência de parte do sítio arqueológico com o bairro de Aldeia. Desse modo, uma área de quatro quilômetros de extensão, com início no antigo morro da Fortaleza (Centro) e término no bairro do Mapiri, foi previamente selecionada para os trabalhos de levantamento, aproveitando o traçado urbano.

Os resultados das tradagens revelaram um sítio de terra preta contínua, medindo 2 por 0,7 quilômetros, implantado num terraço fluvial, voltado para o Rio Tapajós, que ocupa, de leste para oeste, os atuais bairros do Centro, Santa Clara, Aldeia e Fátima, em Santarém. Depois do Bairro de Fátima, os vestígios arqueológicos se interrompem na região do Bairro de Laguinho, que no passado correspondia a uma área alagada coberta por lagos, detalhadamente descrita pelo naturalista inglês Henri Bates (1944), que em meados do século XIX, quando esteve em Santarém, costumava frequentar o local para coletar borboletas e outros insetos. Esta área se encontra, hoje, completamente aterrada. Em seguida, no Bairro de Liberdade, embora não tenham sido encontrados vestígios arqueológicos durante os trabalhos anteriores de prospecção, vistorias recentes e novas escavações indicam que ele também se estende por uma área mais ampla, que parece ter associação com os vestígios que reaparecem no sítio do Porto, escavado por Roosevelt e associados (Quinn 2004; Roosevelt 1999b e 2009), bem como por Gomes na área do campus Tapajós-Ufopa (Gomes & Luiz, 2011). Assim sendo, o sítio Aldeia junto com o sítio do Porto perfazem quatro quilômetros de extensão na área urbana de Santarém, ao longo do Rio Tapajós, sendo ambos separados pelo Laguinho.

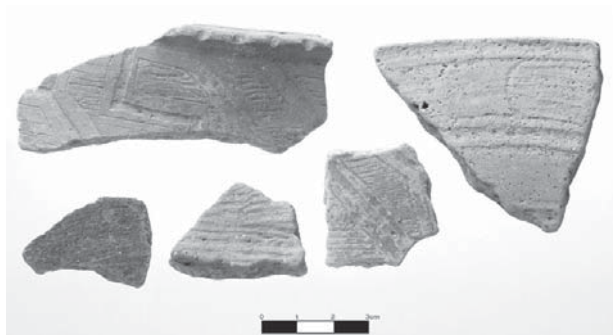


Figura 4: Mapa de delimitação do sítio Aldeia, Santarém (PA).

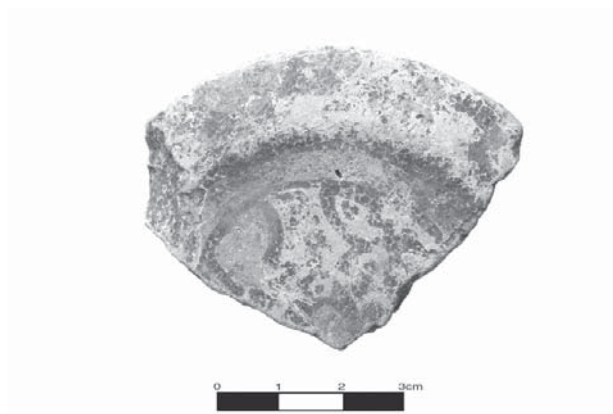
Essas intervenções iniciais demonstraram a predominância de um componente pré-colonial contendo cerâmica Tapajônica (Gomes, 2006b). O conhecimento dos processos formativos do sítio Aldeia tornava necessário o desenvolvimento de trabalhos sistemáticos em distintas áreas. Entre 2008 e 2010, foram escavadas oito unidades neste sítio, apontando a existência de um sítio multicomponencial, com ocupações históricas dos séculos XVIII e XIX, bem como pré-coloniais, tanto tapajônica quanto formativa.

Quatro das unidades escavadas no sítio Aldeia apresentaram cerâmica formativa associada à ocupação Pocó. Na unidade 3, um conjunto de fragmentos cerâmicos de estilo Pocó foi identificado entre setenta e cem centímetros de profundidade, num contexto bastante preservado, que chamava a atenção pela baixa densidade (onze fragmentos por m²). A camada arenosa de cor bruno foi classificada, de acordo com a escala Munsell, em 10 YR 5/6 (*strong brown*). Datados em 2370 a.P., esses fragmentos exibem características estilísticas compatíveis com as indústrias Pocó descritas por Hilbert & Hilbert (1980), além de Guapindaia (2008) na região do Rio Trombetas, bem como por Lima (2008) e Lima, Neves & Petersen (2006) em sítios da Amazônia Central.

A cerâmica Pocó da unidade 3 tem como principais características: emprego do cauxi em quantidade abundante como antiplástico; alguns fragmentos com uma argila alaranjada e textura bem friável; presença de pintura nas cores preto e vinho; decoração composta por motivos incisos alternados por áreas excisas (acanalado) cobrindo o corpo da vasilha desde a borda; incisões e ponteados alternados colocados sobre o lábio plano; flanges labiais, sendo algumas delas zoomorfas; escovado; e outros motivos incisos curvilíneos dispostos em bandas. Fragmentos com pintura policrômica, vinho e amarelo sobre branco, foram recuperados na base da unidade 4 (nível 120-130 centímetros). Este tipo de pintura também constitui um traço diagnóstico das indústrias Pocó.³



**Figura 5: Conjunto de fragmentos cerâmicos associados à tradição Pocó do Baixo Amazonas.
Sítio Aldeia, Santarém (PA), unidade 3, 80-90 cm.
Datados em 2370 a.P.**



**Figura 6: Fragmento cerâmico associado à tradição Pocó do Baixo Amazonas, com pintura policrômica laranja e vinho sobre branco.
Sítio Aldeia, Santarém (PA), unidade 4, 120-130 cm.**

Na unidade 5, novamente um conjunto cerâmico semelhante foi associado à ocupação Pocó. Esta unidade também apresentou um contexto bem preservado e de baixa densidade (23 fragmentos por m²), tornando possível isolar os artefatos cerâmicos existentes entre cinquenta e oitenta centímetros de profundidade. A cor do solo da camada com vestígios Pocó foi classificada como 7.5 YR 4/6 (*strong brown*). Dentre os principais elementos estilísticos deste conjunto, destacam-se: escovado; espatulado feito por meio de linhas curvas e transversais colocadas na face interna do artefato; pintura preta; pintura vermelha; pintura vinho; ponteadado; incisões verticais em bandas; e flange labial com apêndice zoomorfo (pássaro). Duas datações foram obtidas nesta unidade, sendo a primeira 1800 a.P. (50-60 centímetros) e a segunda 3020 a.P. (70-80 centímetros). Esta última constitui uma data bastante antiga, tendo em vista a cronologia existente para a ocupação Pocó na Bacia Amazônica.

Outra ocupação Pocó, com características comparáveis às anteriormente descritas, também foi identificada na unidade 7, entre sessenta e oitenta centímetros de profundidade. Os mesmos padrões de cor do solo (10 YR 5/6 *strong brown*) e baixa densidade de artefatos foram observados. As decorações se assemelham às aquelas identificadas nas unidades anteriores, com o predomínio do escovado, espatulado e ponteadado.

O conjunto dos dados obtidos permite concluir que o amplo espaço do sítio Aldeia foi ocupado por grupos portadores de cerâmica Pocó entre 1800 a.P. e 3020 a.P., antes da presença dos Tapajó. Essas ocupações foram bastante esparsas, a julgar pela baixa densidade das áreas escavadas. Além disso, observa-se que as decorações plásticas rebuscadas – a exemplo dos padrões geométricos compostos por incisões curvilíneas e volutas, apêndices zoomorfos e em forma de botões – estão ausentes na amostra coletada. Isto indica que a cerâmica com afinidades saladoide-barrancoide, tal qual encontrada na Amazônia Central e na área do Rio Trombetas, não ocorre no sítio Aldeia, o que parece ter implicações cronológicas.



Figura 7: Perfil da unidade 5 do sítio Aldeia, Santarém (PA), com 150 cm de profundidade. A segunda camada, em solo de cor bruno, está associada à ocupação Pocó.

Ao lado da presença Pocó no sítio Aldeia, a identificação de fragmentos cerâmicos com decoração hachurada-zonada (Meggers & Evans, 1961) na unidade 3, datados em 2040 a.P., sugere a existência de grupos que provavelmente habitaram os sambaquis fluviais da região. A julgar pela cerâmica do complexo Jauari (Hilbert, 1968), proveniente de um sambaqui de água doce localizado no Amazonas, próximo à confluência com o Rio Tapajós, é possível que tais populações estivessem interagindo com os grupos portadores de cerâmica Pocó do sítio Aldeia. Por fim, esta evidência adicional permite vislumbrar uma diversidade de grupos étnicos que ocuparam o espaço regional de Santarém durante o período formativo.



Figura 8: Fragmento cerâmico com decoração Hachurada-Zonada.
Sítio Aldeia, Santarém (PA), unidade 3, 90-100 cm.
Datado em 2040 a.P.

4. Conexões culturais: Santarém, Rio Trombetas, Amazônia Central, Alto Xingu e Brasil Central

A primeira referência existente sobre a arqueologia da área do Rio Trombetas/Nhamundá é o levantamento arqueológico realizado por Curt Nimuendajú na década de 1920, relativo à distribuição da cerâmica Santarém e seus limites. A Serra de Parintins (AM) foi considerada pelo autor como o limite oeste desta cultura. Lá Nimuendajú encontrou sítios contendo tanto cerâmica Santarém como Konduri, sendo a região caracterizada por ele como o local de origem do estilo Konduri (Hilbert, 1955, p. 9). Informações oriundas de fontes etno-históricas sugerem mais do que simples trocas: a existência de elementos comuns no que tange à forma de organização social e sistemas cosmológicos relacionados às culturas Santarém e Konduri (Gomes 2002), que poderiam explicar as semelhanças observadas por diversos autores.

Na década de 1950, pesquisas arqueológicas foram realizadas por Hilbert (1955). Posteriormente, Hilbert & Hilbert (1980) deram continuidade às investigações iniciais na região. Além disso, trabalhos re-

centes foram conduzidos por Guapindaia (2008) nessa mesma área. Um exame destas publicações deixa entrever um quadro cada vez mais consistente sobre a Arqueologia da região. É possível identificar alguns parâmetros cronoestilísticos que permitirão entrever um panorama das antigas ocupações pré-coloniais dessa região e suas conexões com a Amazônia Central e a região de Santarém.

Pode-se creditar a Hilbert (1955) a definitiva separação dos estilos Santarém e Konduri. Os trabalhos desenvolvidos por este autor na década de 1950 – conduzidos no Rio Trombetas, no Baixo Cuminá-Erepecuru, no Lago Salgado, no Lago Sapucuá, no Lago Piraruacá, na área de Terra Santa e no Lago de Faro – permitiram a localização de 41 sítios com a presença de três tipos de cerâmica. Esta representa a primeira classificação cerâmica feita para a região. O primeiro grupo identificado pelo autor é composto por cerâmica contendo areia como antiplástico, decorada principalmente com um padrão descrito como “espinhas de peixe”; o segundo é constituído pela cerâmica Konduri, cujo antiplástico típico era o cauxi (espículas de esponjas de água doce), e sua decoração característica seriam os apêndices zoomorfos cobertos por ponteados, o que daria a estes um aspecto de esponja, além das alças e asas; e, finalmente, o terceiro grupo, denominado estilo globular, também contendo cauxi como antiplástico e apêndices antropomorfos e zoomorfos compostos pela sobreposição de esferas, com pintura vermelha sobre branco.

Quanto aos aspectos cronológicos, a caracterização da cerâmica da área Trombetas/Nhamundá feita por Hilbert (1955) não é acompanhada de uma análise cronológica. O autor indica apenas a contemporaneidade da cerâmica Konduri e da Santarém, devido à associação de ambas em certos sítios encontrados por Curt Nimuendajú. Esta correlação foi aceita por outros autores, que colocaram os dois estilos numa faixa cronológica situada entre 1000-1500 a.D., correspondendo à tradição

Incisa e Ponteadada (Meggers & Evans, 1983). No que se refere ao primeiro grupo cerâmico descrito por Hilbert (cerâmica temperada com areia), as pesquisas de Guapindaia (2008) permitiram situá-lo cronologicamente na mesma faixa do Konduri.

Na década de 1970, Hilbert & Hilbert (1980) dão continuidade à pesquisa da área do Rio Trombetas, localizando onze sítios habitação. Nesse momento, é visível uma sensível alteração dos parâmetros científicos da pesquisa ao incluir, ao lado da cerâmica, descrições da estratigrafia, bem como datações radiocarbônicas. Os autores apontam a distribuição do complexo Konduri por toda a área, sendo restrito a depósitos relativamente superficiais na parte superior da sequência estratigráfica. Por sua vez, os níveis inferiores forneceram material pertencente a fases diferentes, relacionadas à cerâmica Pocó.

Esta cerâmica, originária dos sítios Pocó e Boa Vista, é mais antiga do que a Konduri e foi dividida pelos autores em três tipos simples, baseado no tempero: (1) cauxi; (2) cariapé; (3) cauxi e cariapé. As formas mais comuns são vasilhas carenadas, rasas e fundas, além das tigelas semi-sféricas com bordas diretas ou extrovertidas, vasos com gargalos e assadores. Foram descritos vários tipos de decoração, incluindo engobo vermelho, pintura branca, pintura vermelha sobre branco, incisões geométricas, escovado, acanalado, raspado-zonado, apêndices zoomorfos inciso-modelados, motivos compostos por ponteadado, marcado com corda, serrungulado, unglado e impresso em ziguezague.

A pintura bicrômica e, ainda, os padrões incisos, alguns deles com motivos curvilíneos complexos, são vistos pelos autores como característicos da tradição Barrancoide⁴ do Rio Orinoco, cujas influências são atribuídas pelos autores à cerâmica Pocó (Hilbert & Hilbert, 1980, p. 8). Neste sentido, as datações apresentadas nesse artigo – entre 65 a.C. e 205 a.D. – foram definidas por eles como consistentes com esta associação. Entretanto, datas não reportadas naquela ocasião, provenien-

tes da base do sítio Boa Vista, revelaram uma antiguidade bem maior da fase Pocó – entre 2950 ± 130 a.P. e 3280 ± 45 a.P. –, tendo sido a princípio rejeitadas. Outras datas obtidas por Klaus Hilbert em nova campanha na década de 1990, em seu retorno ao sítio Boa Vista, situaram a ocupação Pocó em 1820 ± 60 a.P.; e do sítio São José, em 2800 ± 70 a.P. e 1980 ± 60 a.P. (Klaus Hilbert, 2000, informação pessoal; Gomes, 2002, p. 45).

Pesquisas recentes realizadas por Guapindaia (2008) na região de Porto Trombetas – situada a cerca de cinquenta quilômetros a noroeste da foz do Rio Trombetas, na Floresta Nacional de Saracá-Taquera – possibilitaram ampliar o conhecimento sobre a ocupação Pocó nesta área. Além dos padrões incisos curvilíneos associados a elementos modelados, de influência barrancoide, Guapindaia documenta a existência de pintura policrômica, vermelho e alaranjado sobre branco, além de outras variações de vermelho e vinho, cuja pintura é organizada em padrões geométricos bastante elaborados. As formas Pocó incluem pratos com flanges labiais; vasilhas esféricas com pescoço para armazenamento de líquidos, decoradas por pintura vermelha e alaranjada sobre engobo branco; vasilhas rasas de formato elipsoide, de contorno simples ou composto, destinadas ao serviço, podendo ser pintadas e incisas.

Um conjunto de datações dos sítios Aviso I e Boa Vista confirmou a posição cronológica da ocupação Konduri entre os séculos XI e XV d.C. o que permite uma correlação cronológica com a ocupação Tapajônica, em Santarém. Quanto às datas obtidas por Guapindaia (2008, p. 171) para a cerâmica Pocó, no sítio Boa Vista, estas ocupam uma posição entre 2100 a.P. e 1700 a.P. e estão associadas a solos de cor Bruno, sendo portanto anteriores ao fenômeno de formação das terras pretas na Amazônia.

Além da área do Rio Trombetas, afinidades com as indústrias cerâmicas Pocó foram registradas na Amazônia Central. A Arqueologia da

Amazônia Central tem como primeira referência científica o trabalho de Hilbert (1968), que organiza a sequência cronológica da região, descrevendo as fases Manacapuru (425 d.C.), Paredão (880-870 d.C.), Guarita (1150 d.C.) e Itacoatiara (não datada). Esta última foi inicialmente classificada como pertencente à tradição Incisa e Ponteada. Posteriormente outros pesquisadores chamaram a atenção para as afinidades desta com a tradição Barrancoide, o que de fato se confirma (Lathrap, 1970).

A abordagem de Hilbert (1968) além de cronológica também partilhava de um enfoque tipicamente tipológico, enfatizando as diferenças nos tipos decorativos e formas cerâmicas. As fases documentadas por Hilbert (*ibidem*) foram relacionadas às tradições Borda Incisa, Policrômica, e Incisa e Ponteada. Seu enfoque estava afinado com a interpretação de Meggers (Meggers & Evans, 1961), que considerava a Amazônia receptora de culturas vindas dos Andes e um ambiente inóspito para o desenvolvimento da complexidade social (Meggers, 1987 [1971]).

Lathrap (1970) introduziu uma hipótese contrastante com relação à de Meggers, que colocava a Amazônia como um centro de inovações, no que tange à invenção da cerâmica, ao desenvolvimento da agricultura e emergência de complexidade social, com a presença de sociedades ceramistas que teriam se desenvolvido ali por volta de 4000 a.C. Segundo o autor, a tradição Barrancoide, associada ao grupo Arawak, cuja dispersão seria observada na Venezuela e no Caribe, teria se desenvolvido inicialmente na Amazônia Central e se dispersado para o norte da América do Sul. Com isto, a fase Manacapuru seria correlacionada ao grupo Arawak.

As hipóteses de Lathrap (*ibidem*) foram anos mais tarde retomadas e serviram de referência para os trabalhos desenvolvidos pelo Projeto Amazônia Central, desde meados da década de 1990, sob a coordenação do arqueólogo Eduardo Neves. Questões gerais de pesquisa, relativas ao

referido projeto, estão relacionadas ao estabelecimento do tamanho e da forma dos assentamentos, à reconstrução da densidade e da diversidade das ocupações, assim como ao refinamento da cronologia da área de confluência dos rios Negro e Solimões (Neves, 2006).

Nesse contexto, os estudos dos complexos Manacapuru (barrancoide) e Guarita (policrômica) pontuam questões ligadas ao início da produção cerâmica, à formação das Terras Pretas arqueológicas e à origem da agricultura, bem como à mudança subsequente acompanhada por aumento da densidade populacional, intensificação do uso do solo, modificações na paisagem (construção de montículos) e emergência de formações sociais complexas. Portanto, esta é uma das áreas de pesquisa na Amazônia cuja problemática vem sendo definida segundo modelos específicos colocados para a Amazônia Central e por questões atuais partilhadas por outras regiões, sobretudo no que se refere às hipóteses sobre a emergência da complexidade social.

De modo geral, a sequência cronológica de ocupação proposta por Hilbert (1968) para a Amazônia Central tem sido confirmada e também ampliada pelas pesquisas de Neves e associados. Novas proposições foram feitas envolvendo o estudo da fase Manacapuru. O aprofundamento dos trabalhos tem levado a conclusões sobre a natureza das ocupações relativas a esta fase, sua duração cronológica e as relações desta com outros centros produtores de cerâmica, tanto no norte da América do Sul como no Baixo Amazonas. Tais resultados colocam em relevo a importância da ocupação Pocó, como um complexo-chave para a compreensão dos processos que levaram à emergência da complexidade social na Amazônia Central.

À primeira vista, a identificação da fase Pocó parecia ser uma ocorrência restrita à região do Trombetas, sem maiores conexões com outras áreas da Amazônia brasileira. Recentes estudos, realizados na Amazônia Central sobre a fase Manacapuru, perceberam a existência de claras afi-

nidades cronoestilísticas deste complexo de traços barrancoides com a cerâmica Pocó, levando à proposição de uma nova fase, denominada de Açutuba (Lima, Neves & Petersen, 2006). Lima (2008) reconheceu variações internas na fase Manacapuru, de caráter tipológico, que correspondiam a uma variação cronológica: uma cerâmica com decoração incisa apresentando padrões curvilíneos rebuscados, geralmente colocados sobre flanges labiais, apêndices zoomorfos e, ainda, pintura policrômica com o uso do laranja, vermelho, vinho e preto sobre branco. A fase Manacapuru foi então subdividida na fase Açutuba, que corresponde às datas mais antigas. A cronologia da ocupação Açutuba, proveniente do sítio homônimo, é 1100 a.C. até 550 d.C. (ibidem, pp. 77-83).

Desse modo, o reconhecimento de características Pocó na Amazônia Central não só permite estabelecer conexões entre o Baixo Amazonas (Rio Trombetas e região de Santarém) e o Médio Amazonas, como também insere estas áreas no contexto das discussões sobre os complexos cerâmicos mais antigos do norte da América do Sul. Os dados apresentados por Lima, Neves & Petersen (2006) e Lima (2008), que caracterizam a fase Açutuba como a cerâmica mais antiga da Amazônia Central, indicam uma ocupação mais recente do que aquela sugerida pelo modelo de dispersão populacional de Lathrap, partindo da Amazônia Central, refutando esta hipótese em termos cronológicos e no que tange ao sentido de tais dispersões. Para Lima, Neves & Petersen (2006), a fase Açutuba consiste numa representação na Amazônia Central das tradições (ou séries) saladoide e barrancoides, identificadas no norte da América do Sul e no Caribe, cujas cerâmicas são caracterizadas por uma ampla variabilidade formal e são decoradas por meio de técnicas de modelagem, incisões, excisões, engobo vermelho e pintura policrômica. Menos especulativa lhes parece a correlação proposta entre a fase Açutuba e fase Pocó, do Baixo Amazonas (ibidem, p. 47). Por fim, Lima (2008, p. 380) afirmou ter considerado a fase Açutuba um complexo exógeno, que já

aparece formado, sendo este parte da expansão Arawak, conforme a hipótese de Lathrap (1970), retomada por Heckenberger (2002).

Considerando as datações mais antigas da cerâmica Pocó reportadas por Hilbert (entre 3200 a.P. e 3000 a.P.), relativas à base do sítio Boa Vista no Rio Trombetas (Gomes, 2002, p. 45), as datas que assinalam o início da ocupação Pocó no sítio Açutuba (1100 a.C.) e, finalmente, a data mais antiga obtida no sítio Aldeia, em Santarém (3020 a.P.), é possível propor como hipótese uma dispersão simultânea pelo Médio e Baixo Amazonas dessas populações portadoras de cerâmica saladoide-barrancoide, originárias do norte da América do Sul e do Caribe por volta de 3000 a.P. As datações mais frequentes (por volta de 2000 a.P.) parecem assinalar um período de estabilidade desses grupos em toda a área ocupada. Embora não tenham sido encontradas no sítio Aldeia, até o presente momento, cerâmicas com decorações elaboradas, compostas por linhas curvilíneas e volutas, típicas do estilo barrancoide, algumas formas mais tardias de cerâmica tapajônica, com detalhes tais como apliques ovalados em forma de botões, não deixam dúvida sobre a presença dessas influências na área de Santarém.



Figura 9: Fragmento de vaso de cariátides – artefato típico da cultura Tapajônica –, com elementos estilísticos Barrancoides (apêndice modelado em forma de botão).

Sítio Aldeia, Santarém (PA), unidade 4, 100-110 cm.

Em sua fase tardia (1320 a.P. a 910 a.P.), a cerâmica Borda Incisa de Parauá-Santarém exhibe diversas características formais – tais como jarros com gargalo, vasilhas rasas de formato elipsoide com base plana e bordas extrovertidas, vasilhas globulares de perfil infletido, tigelas em forma de calota esférica e assadores –, além de características decorativas, a exemplo de incisões transversais nos lábios ou bordas, ponteados, engobo vermelho e, em alguns casos, apêndices mamiformes, em comum com a tradição Uru do Brasil Central. Outro aspecto relevante na comparação proposta são os padrões de assentamento e de organização intrassítio, identificados na região de Santarém, que apontam para a existência de aldeias circulares e lineares, conforme evidenciado pela pesquisa conduzida nos sítios da comunidade de Parauá (Gomes, 2008, p. 220).

A gênese amazônica da tradição Uru já havia sido postulada por diversos pesquisadores (Oliveira & Viana, 2000; Prous, 1992; Robrahn-González, 1996; Schmitz et al., 1982). Por sua vez, Wüst & Barreto (1999), ao discutirem o surgimento das aldeias circulares do Brasil Central por volta de 800 a.D., relacionado aos grupos Aratu e Uru, consideraram este como um processo local, associado a pressões demográficas, interação com grupos vizinhos e necessidades de defesa. As mesmas autoras rejeitaram a ideia de que a emergência dessas aldeias circulares estivesse relacionada a movimentos migratórios originários da Bacia Amazônica, conforme sugerido por alguns estudiosos com base em semelhanças artefatuais e modelos de competição e pressão populacional (Robrahn-González, 1996; Schmitz & Barbosa, 1985), argumentando com relação à ausência de evidência direta de indicadores dessas migrações nos tributários do Amazonas.

As semelhanças desses conjuntos cerâmicos, dos padrões de organização intra-sítio, ao lado da cronologia existente e, finalmente, da posição geográfica estratégica que ocupa o Rio Tapajós como via natural de ligação entre a Amazônia e o Brasil Central, sugerem que a hipótese mi-



Figura 10: Vasilha rasa, com base plana e 40 litros de capacidade volumétrica, sítio Terra Preta, Parauá, Santarém (PA). Apresenta semelhanças estilísticas com artefatos da tradição Uru do Brasil Central e fase Ipavu do Alto Xingu.

gratória merece ser reconsiderada. Outro elemento adicional que reforça esta correlação da ocupação borda incisa da região de Santarém com as populações portadoras de cerâmica Uru, do Brasil Central, é o reconhecimento de semelhanças estilísticas (formais e decorativas) com os grupos pré-coloniais tardios do Alto Xingu, portadores da cerâmica relacionada à fase Ipavu. Esta corresponde às ocupações entre 800 e 900 a.D., que, segundo Heckenberger (1996), representam os ancestrais dos Xinguanos falantes de Arawak. Afinidades com a tradição Uru e com a tradição Borda Incisa foram apontadas por Heckenberger (*ibidem*, p. 28). Assim sendo, essas conexões culturais propostas indicam o estabeleci-

mento de fronteiras culturais na área Tapajós/Xingu que parecem importantes para a compreensão dos processos que envolvem a Amazônia e o Brasil Central.

As datações tardias da sequência obtida em Parauá-Santarém (séculos VII ao XI d.C.) são mais antigas que a maior parte das datações da tradição Uru disponíveis para o Brasil Central – século IX d.C. em Mato Grosso e século XIII d.C. em Goiás (Wüst & Barreto, 1999, p. 8) –, o que favoreceria as hipóteses sobre o deslocamento desses grupos do Baixo Tapajós para o Alto Xingu e o Brasil Central, tendo como via de acesso o Rio Tapajós. Embora pesquisas adicionais sejam necessárias a fim de produzir uma cronologia desses outros sítios Borda Incisa identificados na região da Flona e na área do Planalto em Santarém, a interpretação proposta para explicar o desaparecimento dessas populações do Baixo Tapajós a partir do século XI está relacionada ao processo de emergência das chefias pré-coloniais tardias de Santarém. A constatação de que tais populações formativas de Parauá, portadoras de cerâmica Borda Incisa, não foram culturalmente influenciadas ou mesmo politicamente dominadas por essas chefias tardias, associadas à emergência dos Tapajós, implica o reconhecimento de estratégias de autodeterminação. Pressões políticas que possivelmente empurraram parte desses grupos para outras áreas da Bacia Amazônica e Brasil Central constituem um argumento adicional (Gomes, 2008).

5. A constituição das sociedades pré-coloniais multiétnicas

A ideia de constituição de sociedades multiétnicas organizadas num espaço regional como base dos cacicados amazônicos, descritos como sistemas hierárquicos e centralizados, está presente desde Roosevelt (1987; 1992; 1993; 1999b).

Heckenberger (2005) e Heckenberger & Neves (2009) também se referem a essas formações regionais como uma característica das sociedades complexas que emergem no passado pré-colonial tardio da Amazônia. No caso de Santarém, embora os dados recentes das pesquisas conduzidas por Gomes (2007; 2008; 2009) questionem a existência de uma sociedade centralizada e hierarquizada, bem como de comunidades satélites dependentes de um centro hegemônico, uma morfologia social mais precisa ainda está por ser definida.

Informações oriundas da etno-história da região de Santarém indicam a presença de outros grupos convivendo com os Tapajó (Marautus, Caguanas, Orurucus, Maraguá, Maués, Curiatos e Andirá, dentre outros) no mesmo espaço regional, ocupando especialmente a margem esquerda do Rio Tapajós e a margem direita do Amazonas, até a Ilha de Tupinambarana. Esses grupos estavam organizados em configurações que se alternavam ao longo do tempo, tendo sido reconhecidos até pouco antes do início das missões religiosas (Menéndez, 1992; Bettendorf, 1910; Heriarte, 1874; Rojas, 1941). Esta constatação reforça as conclusões das pesquisas arqueológicas realizadas em Parauá-Santarém, que demonstraram a existência de comunidades formativas parcialmente contemporâneas aos Tapajó, com uma existência independente do ponto de vista político.

O conjunto dos dados ora apresentados, no que se refere tanto a evidências culturais quanto a cronológicas, sugere a existência de diversidade étnica, com a presença de distintas populações formativas que ocuparam esse espaço regional desde cerca de 4000 anos atrás até os séculos XI a XIII d.C., período que corresponde à formação da sociedade tapajônica. É possível que essas populações formativas tenham se organizado em conjuntos regionais, que sobreviveram à época pré-colonial tardia, não necessariamente coordenados de maneira hierárquica por um poder central.

Além disso, o exame da literatura antropológica deixa entrever outras alternativas de organização sociopolítica desses conjuntos regionais. No clássico de E. Leach (1995 [1964]), *Sistemas políticos da Alta Birmânia*, o autor enfatiza a importância de se reconhecer outras formas de organização de poder político, especialmente em contextos regionais com evidência de diversidade cultural, destacando a tendência que os antropólogos têm em cristalizar a estabilidade social, de modo a construir um todo coerente e uniforme, com nítidas fronteiras culturais, que muitas vezes não passam de mera ficção acadêmica. Ainda que toda descrição envolva a construção de modelos, Leach (ibidem) alerta para as inconsistências da realidade social, que podem ser brechas para vislumbrar transformações políticas cuja gênese é a instabilidade social. O exemplo dos Kachin e dos Chan da Alta Birmânia, examinado pelo autor, demonstra uma formação social instável, baseada no conflito, que conduz à mudança. Historicamente organizados em três subsistemas políticos interdependentes, estes interagem e se alternam, colocando em relevo ora uma estrutura feudal, ora igualitária.

A etnologia amazônia fornece um panorama que ajuda a reforçar a ideia de diferentes níveis de integração étnica e sociopolítica dos grupos indígenas ao longo do tempo. Estes parecem ter variado desde redes horizontais de integração interétnica, que promoviam trocas materiais e simbólicas por amplas regiões, até sistemas regionais pluriétnicos hierarquizados. No noroeste amazônico, um dos mais importantes grupos de integração interétnica é constituído pelos Arawak, Tukano, Maku e Karib, existente desde épocas pré-coloniais. Tal sistema reúne sociedades ligadas por uma vasta rede de vínculos sociais, comerciais, políticos e rituais, com destaque para as cerimônias de iniciação masculina envolvendo o uso de flautas sagradas, sendo ainda permeado por relações hierárquicas que têm sua origem entre os Arawak (Wright, 1992).

Outro exemplo é o chamado sistema regional de interdependência do Orinoco, que se desenvolveu em épocas pré-coloniais desde o Orinoco até o Baixo Rio Negro, tendo sido reconhecido por Arvelo-Jiménez & Biord (1994, pp. 56-7) com base em informações históricas e etnográficas. Este, segundo os autores, consistia numa teia de relações interétnicas complexas que integrava os diversos componentes de maneira horizontal, sem implicar a perda da autonomia política, nem da diversidade cultural ou linguística dos grupos integrantes. Diferentes processos de integração foram reconhecidos, a exemplo de relações comerciais, prestação de serviços rituais, casamentos, pactos políticos e guerras que articularam a sociabilidade, acarretando o reforço de laços políticos entre sociedades autônomas. Desse modo, outras possibilidades surgem para se pensar arranjos políticos que podem ter ocorrido entre os Tapajó e os demais grupos da área, envolvidos em situações de conflito. Além da alternância de poder, possibilidades de integração multiétnica das antigas populações formativas devem ser consideradas.

Considerações finais

As informações discutidas permitem apontar que os hiatos cronológicos da sequência cultural de Santarém, tal qual indicado por Neves (2006), foram reduzidos. A cronologia de ocupação formativa se apresenta de forma ininterrupta desde 3800 a.P. até 910 a.P. Entretanto, ainda é visível o grande hiato que separa as ocupações ceramistas do Arcaico – em especial, o complexo de Taperinha, datado por volta de 7000 anos – das sociedades formativas identificadas a partir de 3800 a.P.

Conforme discutido, o reconhecimento de diferentes complexos culturais formativos associados à produção de cerâmica Borda Incisa, Pocó e Hachurada Zonada, que compartilharam o mesmo espaço regional,

sugere a hipótese de que essas populações tenham dado origem a formações sociais multiétnicas pré-coloniais tardias. Outra constatação é a existência de conexões culturais entre a região de Santarém, a área do Rio Trombetas/Nhamundá, a Amazônia Central, o Alto Xingu e o Brasil Central. Embora as descrições dos complexos cerâmicos sejam muitas vezes baseadas em informações tipológicas, o que se buscou foi colocar em relevo a cronologia e as dinâmicas populacionais envolvendo deslocamentos nas terras baixas da Amazônia, além de processos de integração social.

Notas

- * Este artigo dialoga com as hipóteses de Eduardo Neves sobre as cronologias amazônicas. O argumento aqui construído se beneficiou de discussões com Eduardo Viveiros de Castro sobre as diferentes possibilidades de integração sociopolítica das sociedades indígenas. A ambos os pesquisadores registro meus agradecimentos. As pesquisas que embasam esta análise foram financiadas pela Fapesp (Processos: 00/04563-0; 02/04916-5 e 08/58701-6) e pelo CNPq (Processo: 473224/2006-2).
- ¹ Os métodos de levantamento arqueológico na Amazônia têm se limitado a estratégias oportunistas, baseadas em informações orais, localização de vestígios de superfície, além de contar com acessos proporcionados pela existência de caminhos e estradas. Entretanto, não se observam tentativas de desenvolvimento de levantamentos sistemáticos, com a abertura de *transects* em meio à densa vegetação, conforme realizado nesta área do Baixo Tapajós.
- ² O reconhecimento desses sítios de “terra mulata”, que consistem em áreas de cultivo, foi possível por meio das discussões que vêm sendo realizadas por pesquisadores tais como Woods, McCann e Kern, que identificam essas áreas pela cor do solo marrom acinzentado (7.5YR 3/2; 10YR 4/2), pelos altos teores de matéria orgânica, além da ocorrência de raros artefatos cerâmicos.
- ³ Embora a abordagem de análise cerâmica adotada nas pesquisas ora apresentadas esteja voltada para a reconstrução dos padrões de uso dos artefatos, em razão da

impossibilidade de realizar reconstituições de formas, uma vez que os fragmentos recuperados são de tamanho reduzido, optamos por reportar as características estilísticas das amostras de cerâmica Pocó provenientes do sítio Aldeia, Santarém (PA).

- ⁴ As séries barrancoides, cuja cerâmica típica caracteriza-se por uma decoração composta por incisões curvilíneas amplas, colocadas nas bordas das vasilhas, e sigmóides pronunciadas, além de apêndices zoomorfos e antropomorfos com esses mesmos elementos curvilíneos, foram inicialmente definidas por Cruxent & Rouse (1959; 1961), primeiro do sítio tipo (Barrancas), na Venezuela, sendo mais tarde reconhecidas no Caribe. Brochado & Lathrap (2000 [1982]) reconheceram elementos barrancoides em vários complexos amazônicos da Amazônia Central, propondo a existência da tradição Barrancoide Amazônica. Embora essas distinções estilísticas consistam em referências crono-estilísticas aparentemente produtivas, elas não podem ser generalizadas para todos os estilos que apresentam decoração incisa e modelada, existindo, portanto, grande variabilidade das indústrias pré-coloniais. Meggers refuta a existência de uma tradição Barrancoide Amazônica e prefere associar vários complexos com esses elementos diagnósticos à tradição Borda Incisa (Meggers & Evans 1961). A discussão sobre a origem da tradição Barrancoide ainda hoje é polêmica e se confunde com os debates sobre o desenvolvimento da cerâmica na América do Sul.

Bibliografia

ARVELLO JIMÉNEZ, N. & BIRD, H.

- 1994 “The Impact of Conquest on Contemporary Indigenous Peoples of the Guiana Shield: the System of Orinoco Regional Interdependence”, in ROOSEVELT, A. (ed.), *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*, Tucson, University of Arizona Press, pp. 5578.

BATES, H. W.

- 1944 *O naturalista no Rio das Amazonas*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, v. 1 e 2.

BETTENDORE, J. F.

- 1910 “Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 72, Parte I.

BROCHADO, J. P. & LATHRAP, D.

- 2000 [1982] “Chronologies in the New World: Amazonia” in OLIVER, José (ed.), *On Amazonian Archaeology* (unpublished manuscript).

CHARTKOFF, J. L.

- 1978 “Transect interval sampling in forests”, *American Antiquity*, vol. 43(1): 46-53.

CRUXENT, J. M. & ROUSE, I.

- 1959 *Archaeological Chronology of Venezuela*, Washington, Pan American Union.
1961 *Arqueologia cronologica de Venezuela*, Washington, Union Panamericana.

DANIEL, J.

- 1976 *Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Separata de Anais da Biblioteca Nacional, 2 vols.

FLORENCE, H.

- 1977 *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas – 1825-1829*, trad. Francisco A. Machado e Vasconcelos Florence, São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp).

GOMES, D. M. C.

- 2002 *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica do MAE-USP*, São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2002.
2006a “Amazonian Archaeology and Local Identities”, in EDGWORTH, M. (ed.), *Ethnographies of Archaeological Practice: Cultural Encounters, Material Transformations*, Lanham, Altamira Press, v.1, pp. 148-60.
2006b *Identificação de sítios arqueológicos da cultura santarém na área central da cidade de Santarém, PA*. Relatório Final apresentado ao IPHAN.
2007 “The Diversity of Social Forms in Pre-Colonial Amazonia”, *Revista de Arqueologia Americana*, vol. 25: 189-225.
2008 *Cotidiano e poder na Amazônia Pré-Colonial*, São Paulo, Edusp.

- 2009 “Os Tapajó e os outros”, in MORALES, W. F. & MOI, F. P. (orgs.), *Cenários regionais em arqueologia brasileira*, São Paulo, AnnaBlume, pp. 239-60.
- GOMES, D. M. C. & LUIZ, J. G.
2011 *Gerenciamento do patrimônio arqueológico: prospecção e resgate na área de influência direta da construção de diversas estruturas no campus Tapajós, Ufopa*. Primeiro Relatório apresentado ao IPHAN.
- GUAPINDAIA, V.
2008 *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*, São Paulo, tese, USP.
- HECKENBERGER, M.
1996 *War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, a.D.1250-2000*, Pittsburgh, tese, University of Pittsburgh.
2002 “Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality and the Amazonian Formative”, in HILL, J. & SANTOS-GRANERO, F. (eds.), *Comparative Arawakan histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia, Urbana*, Chicago, University of Illinois, pp. 99-122.
2005 *The ecology of power: culture, place and person-hood in the southern Amazon, AD 1000-2000*, New York, Routledge.
- HECKENBERGER, M. J. & NEVES, E. G.
2009 “Amazonian Archaeology”, *Annual Review of Anthropology*, vol. 38: 251-66.
- HERIARTE, M.
1874 *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá, Rio das Amazonas*, Viena, Carlos Gerold.
- HILBERT, P. P.
1955 “A cerâmica Arqueológica da Região de Oriximiná”, *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, Belém, vol. 9: 1-76
1968 *Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas*, Berlim, Dietrich Riemer Verlag.

- HILBERT, P. P. & HILBERT, K.
1980 “Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica nos Rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. 75: 1-14.
- JUNK, W. J. & FURCH, K.
1985 “The Physical and Chemical Properties of Amazonian Waters and their Relationships with the Biota”, in PRANCE, G. & LOVEJOY, T. (eds.), *Key Environments: Amazonia*, Oxford, Pergamon Press, pp. 3-17.
- LATHRAP, D.
1970 *The Upper Amazon*, London, Thames and Hudson, 1970.
- LEACH, E. R.
1995 [1964] *Sistemas políticos da Alta Birmânia*, São Paulo, Edusp.
- LIMA, H. P.
2008 *História das caretas: a tradição Borda Incisa na Amazônia Central*, São Paulo, tese, USP.
- LIMA, H. P.; NEVES, E. G. & PETERSEN, J.
2006 “La fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central”, *Arqueología Suramericana*, vol. 2 (1): 26-52.
- MEGGERS, B.
1987 [1971] *Amazônia: a ilusão de um paraíso*, São Paulo, Edusp/Itatiaia.
- MEGGERS, B. & DANON, J.
1988 “Identification and Implications of a Hiatus in the Archaeological Sequence on Marajó Island, Brazil”, *Journal of the Washington Academy of Sciences*, vol. 78 (3): 245-53.
- MEGGERS, B. & EVANS, C.
1961 “An experimental formulation of horizon styles in tropical forest of South America” in LOTHROP, S. (ed.), *Essays in Precolumbian Art and Archaeology*, Harvard, Harvard University Press/ Mass, pp. 372-88.

- 1983 "Lowland South America and Antilles", in JENNINGS, J. (ed.), *Ancient South Americans*, San Francisco, W. H. Freeman, pp. 287-335.
- MENÉNDEZ, M. A.
1992 A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas, in: CUNHA, M. C. da (ed.), *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, pp. 281-96.
- MORÁN, E. F.
1990 *A ecologia humana das populações da Amazônia*, Petrópolis, Vozes.
- NEVES, E.
2006 *Arqueologia da Amazônia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- NIMUENDAJU, C.
1948 "Os Tapajó", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. 10: 93-106.
2004 "In Pursuit of an Amazonian Past: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana in the Amazon Region", *Etnologiska Studier*, vol. 45.
- OLIVEIRA, J. E. & VIANA, S.
2000 "O Centro-Oeste antes de Cabral", *Revista USP*, São Paulo, vol. 44:142-189.
- PLOG, S.; PLOG, F. & WAIT, W.
1978 "Decision making in modern surveys", *Advances in Archaeology Method and Theory*, vol. 1.
- PROUS, A.
1992 *Arqueologia brasileira*, Brasília, Edit. da Universidade de Brasília.
- QUINN, E. R.
2004 *Excavating "Tapajó" Ceramics at Santarém: Their Age and Archaeological Context*, Chicago, tese, University of Illinois at Chicago.
- PROJETO RADAMBRASIL
1976 *Levantamento de recursos naturais*, vol. 10: Folha SA.21 Santarém, Rio de Janeiro, Departamento Nacional de Produção Mineral.

REDMAN, C. L.

- 1973 "Multistage Fieldwork and Analytical Techniques", *American Antiquity*, vol. 38: 61-79.
- 1975 "Productive Sampling Strategy for Archaeological Sites", in MUELLER, J. W. (ed.), *Sampling in Archaeology*, Tucson, Arizona, The University of Arizona Press, pp. 147-54.

RICE, P.

- 1987 *Pottery Analysis: a Sourcebook*, Chicago, University of Chicago Press.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.

- 1996 *Ocupação cerâmica pré-colonial no Brasil Central: origens e desenvolvimento*, São Paulo, tese, USP

ROJAS, A. de

- 1941 "Descobrimento do Rio das Amazonas e suas dilatadas províncias", in CARVAJAL, Gaspar de; ROJAS, Alonso de & ACUÑA, Cristobal, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*, Trad. C. de Melo-Leitão, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, pp. 81-124.

ROOSEVELT, A.

- 1987 "Chiefdoms in Amazon and Orinoco", in DRENNAN, R. & URIBE, C. (eds.), *Chiefdoms in Americas*, Lanham, Md, University Press of America, pp.153-185.
- 1992 "Arqueologia amazônica", in CUNHA, M. C. da (ed.), *História dos Índios do Brasil*, São Paulo, Cia. das Letras, pp. 53-86.
- 1993 "The Rise and Fall of the Amazonian Chiefdoms", *L'Homme*, vol. 33(126-128): 255-82.
- 1995 "Early Pottery in the Amazon: Twenty Years of Scholarly Obscurity", in BARNETT, W. & HOOPES, J. (ed.), *The Emergence of Pottery*, Washington, Smithsonian Institution Press, pp. 115-31.
- 1996 "The Origins of Complex Societies in Amazonia", in HESTER, T.; LAURENCICH-MINELLI, L. & SALVATORI, S. (eds.), *The Prehistory of the Americas, International Union of Prehistoric and Protohistoric Sciences*, Forli, Abaco, pp. 27-31.

- 1999a "The Maritime, Highland, Forest Dynamic and the Origins of Complex Culture" in SALOMON, F. & SCHWARTZ, S. B., *The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas*, Cambridge, Cambridge University Press, II, pp. 264-349.
- 1999b "Complex Polities in the Ancient Tropical World", *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, vol. 9: 13-33.
- 2009 "A Historical Memoir of Archaeological Research in Brazil (1981-2007)", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, vol. 4 (1): 155-70.
- ROOSEVELT, A. C.; HOUSLEY, R. A.; SILVEIRA, M. I. da; MARANCA, S. & JOHNSON, R.
1991 "Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon", *Science*, vol. 254: 1621-24.
- ROOSEVELT, A. C.; COSTA, M. LIMA da; MACHADO, C. L.; MICHAB, M.; MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FEATHERS, J.; BARNETT, W.; SILVEIRA, M. I. da; HENDERSON, A.; SILVA, J.; CHERNOFF, B.; REESE, D. S.; HOLMAN, J. A.; TOTH, N. & SCHICK, K.
1996 "Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of America", *Science*, vol. 272: 372-84.
- SCHIFFER, M. B.; SULLIVAN, A. P. & KLINGER, T. C.
1978 "The Design of Archaeological Surveys", *World Archaeology*, vol. 10 (1): 1-28.
- SCHMITZ, P. I. & BARBOSA, A. S.
1985 *Horticultores pré-históricos dos estado de Goiás*, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas.
- SCHMITZ, P. I., I.; WÜST, S.; COPÉ, M. & THIES, U. M. E.
1982 "Arqueologia do Centro-Sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil", *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 33, 281p.
- SINOPOLI, C. M.
1999 "Levels of Complexity: Ceramic variability at Vijayanagara", in SKIBO, J. M. & FEIMANN, G. M., *Pottery and People*, Salt Lake City, The University of Utah Press, pp. 115-36.

- SIOLI, H.
1984 "The Amazon and its Main Affluents: Hydrography, Morphology of the River Courses and River Types", in SIOLI, H. (ed.), *The Amazon*, Dordrecht, Dr. W. Junk, pp. 521-35.
- SPIX, J. B. & VON MARTIUS, K. F.
1976 *Viagem pelo Brasil – 1817-1820*, São Paulo, Melhoramentos.
- WOODS, W.
2003 "Soils and Sustainability in the Prehistoric New World", in BENZING, B. & HERRMANN, B. (eds.), *Exploitation and Overexploitation in Societies Past and Present*, Münster, Lit Verlag, pp. 143-57.
- WOODS, W. & McCANN, J. M.
1999 "The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths", *Yearbook Conference of Latin American Geographers*, v. 25: 7-14.
- WRIGHT, R. M.
1992 "História indígena do Noroeste da Amazônia: hipóteses, questões e perspectivas", in CUNHA, M. C. da (ed.), *História dos índios do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, pp. 253-66.
- WÜST, I.
1990 *Continuidade e mudança: para uma Interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*, São Paulo, tese, USP.
- WÜST, I & BARRETO, C.
1999 "The Ring Villages of Central Brazil: A Challenge for Amazonian Archaeology", *Latin American Antiquity*, 10 (1): 3-23.
- ZEIDLER, J. A.
1995 "Archaeological survey and site discovery in the forested neotropics", in STAHL, P. W. (ed.), *Archaeology in the Lowland American Tropics*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 7-41.

ABSTRACT: This article discuss the formative societies of Santarém-PA region by the analysis of its material culture, pointing to the existence of different ceramist communities, which has developed in this area since 3800 a.P. until the emergence of complex chiefdoms by 1000 a.D. The data suggests the succession of different groups in time and space that has probably contributed to the constitution of late multiethnic groups, which occurred in this and other areas of Amazonia, as it has been suggested by other researchers. Cultural connections with the area of Trombetas River, Central Amazonia and Upper Xingu have also been elicited.

KEY-WORDS: Archaeology of Santarém, Para, formative, Amazonian chronologies, multiethnic societies.

Recebido em outubro de 2010. Aceito em junho de 2011.